



## **PERSPECTIVA GLOBAL FEMINISTA SOBRE A PANDEMIA: QUAL "NORMAL" ESPERAMOS QUANDO A CRISE ACABAR?**

Em meio à pandemia de Covid-19 e às medidas tomadas pelos Estados para impedir sua propagação, a Rede Europeia de Mulheres Migrantes deseja oferecer uma análise de alguns dos aspectos<sup>1</sup> dessa crise, de uma perspectiva global feminista.

### **MULHERES E MENINAS REQUERENTES DE ASILO NO MEIO DA EPIDEMIA**

---

No início da erupção epidêmica, o Centro Europeu de Prevenção e Controle de Doenças (ECDPC) publicou [um conjunto de medidas para "ajudar a combater o COVID-19"](#). Praticamente nenhuma delas pode ser aplicada nas acomodações onde a maioria dos refugiados estão alojados atualmente. Desinfecção frequente das mãos - um passo perfeitamente simples é impossível de ser implementado nas instalações de refugiados, pois a maioria delas não possui água limpa, banheiros ou sabão suficientes. O ECDPC aconselha "permanecer em casa ou em um local designado, em uma única sala dedicada e adequadamente ventilada e, de preferência, usar um banheiro dedicado",

"evitar multidões", "distanciamento social", tudo isso é impossível de se manter com refugiados amontoados principalmente em salas acima da capacidade de acomodação. "Ter mantimentos suficientes para 2-4 semanas" também é impossível para os refugiados que não têm renda para estocar esses suprimentos, não têm lugar para comprá-los e não têm espaço para armazená-los. Tampouco podem "ativar suas redes sociais" que podem estar mortas, desaparecidas ou em outro país.

Várias iniciativas da sociedade civil e o [Comitê LIBE do Parlamento Europeu](#) já destacaram a "dimensão dos refugiados e migrantes" na pandemia. No entanto, por pior que seja para qualquer refugiado em tais situações, para meninas e mulheres - sejam as que estão presas na fronteira Grécia-Turquia, a "provisão direta" na Irlanda ou os "pontos quentes" na Itália - é objetivamente pior do que a maioria de nós podemos imaginar. Além de não possuírem espaços seguros, segregados por sexo que permitam que as mulheres cuidem de suas necessidades básicas longe do olhar e do assédio masculino, sem privacidade para trocar o absorvente menstrual, amamentar seus bebês ou tomar banho - além de estarem sujeitas à violência contínua por homens, incluindo estupro coletivo e casamento forçado - as mulheres nos campos também terão que suportar o peso de cuidar dos doentes, mitigando o risco de infecções e mediando novos conflitos e a violência masculina inevitavelmente em erupção no meio da crise.

---

<sup>1</sup> Existem outros aspectos da crise, como direitos econômicos da mulher, racismo, deficiência ou mulheres na prisão, que este documento não cobre.

## MULHERES IDOSAS

---

"Relatos de idosos abandonados em casas de repouso ou de cadáveres encontrados em asilos são alarmantes. Isso é inaceitável", [disse Rosa Kornfeld-Matte, Especialista Independente da ONU sobre o gozo de todos os direitos humanos por idosos](#). Ela se refere a tais relatórios vindos da Europa.

Todos já ouviram dizer que "APENAS os idosos estão em maior risco", "APENAS para aqueles com mais de 70 anos o resultado fatal é alto", como muitos morreram, "MAS a maioria deles eram velhos".

Todas essas declarações expuseram um desrespeito perturbador, embora não surpreendente, em desconsideração aos idosos. No envelhecimento, ainda, a juventude fixou a sociedade em que a Europa se tornou, onde tudo da mídia para o movimento feminista, glamouriza 'os jovens', e onde os próprios jovens foram alvo de doutrinas liberais de livre escolha e empoderamento individualista, nesta pandemia idosos passaram a simbolizar os "indesejados" na melhor das hipóteses e os "descartáveis" na pior das hipóteses. Embora algumas iniciativas tenham sido implementadas, como horário de compras e entrega de pacotes de alimentos para pessoas idosas e vulneráveis, essas foram medidas "extras" no contexto de "mais fortes para sobreviver". Esse contexto significa que o ajuste, o celular e o rico fazem compras de pânico, além de sair irresponsavelmente, ainda assim, tranquilizados pela mensagem "SOMENTE os idosos serão mortos pelo Covid-19".

"Idoso" é uma categoria abstrata, especialmente na União Europeia que conta como "jovem" qualquer pessoa com

menos de 35 anos. As mulheres vivem mais que os homens, pelo menos na Europa, representando 55% das pessoas com mais de 60 anos, 64% do grupo com mais de 80 anos e 82% dos centenários. Essas mulheres podem ter sobrevivido aos homens, mas também estão entre as mais pobres, com condições crônicas de saúde e geralmente moram sozinhas, tendo cuidado de seus maridos ou famílias agora falecidos. Podemos então assumir que são essas mulheres que devem morrer quando os médicos [precisarem priorizar os pacientes com melhor chance de sobrevivência](#) ou aqueles que [têm famílias que podem cuidar deles quando saírem da UTI?](#)

## A PANDEMIA DA VIOLÊNCIA MASCULINA

---

Se precisamos aprender alguma coisa da história, é que nos momentos de crise - qualquer crise - o que entra em erupção a seguir é a violência dos homens. Nas sociedades modernas, onde a esmagadora maioria dos tiroteios em massa e violência de gangues são cometidos por homens, devemos saber que essa pandemia pode desencadear uma onda de violência, cometida por homens incapazes de lidar com as consequências psicológicas, financeiras e sociais consequentes da crise. Aqueles de nós com experiência de trabalho em zonas de conflito e áreas afetadas por desastres naturais, sabem muito bem que o colapso de estruturas sociais estáveis pode desencadear as ondas de violência masculina aparentemente não relacionadas a esse colapso. O primeiro alvo dessa violência são as mulheres.

Do trabalho sobre migração, também sabemos que as mulheres se adaptam

mais rapidamente às novas circunstâncias, exibem maior resiliência e flexibilidade e estão mais psicologicamente preparadas para lidar com a perda de status ou renda. Afinal, muitas de nós fomos treinadas para aceitar nosso status de “segundo sexo” desde a infância. Os homens, por outro lado, muitas vezes são incapazes de lidar com a perda de controle, rejeição ou instabilidade financeira. As taxas globais de suicídio de homens, comparadas às mulheres, nos dizem exatamente isso. No momento de uma crise de saúde como essa, com suas inevitáveis consequências psicológicas em grande escala, a proporção de incapacidade dos homens em lidar com essas consequências também se torna em grande escala. E enquanto muitas mulheres e homens estão trancados em casa e o risco de violência masculina íntima é real, o risco de reações masculinistas em escala massiva à crise também é real.

Muitas grupos feministas, assim como o [Comitê GREVIO](#) e o [Relator Especial da ONU sobre Violência contra as Mulheres](#), já chamaram a atenção para os perigos do bloqueio para as mulheres. O lar é um lugar em que é mais provável que elas sejam atacadas sexualmente, agredidas e assassinadas por homens. Considerando esse [fato estatístico](#), qualquer medida que aconselha ou exige que as mulheres fiquem em casa é problemática por si só. A escolha brutal entre conter a nova epidemia de Covid-19 e a antiga epidemia de violência interpessoal masculina é clara: se você é uma mulher, no momento da crise de saúde pública, também pode ser agredida em sua casa.

Dizer isso não é um exagero: na China, ONGs de violência anti-doméstica relataram que o abuso doméstico aumentou durante o bloqueio, [com 90% das causas relacionadas à epidemia](#),

[enquanto o apoio aos sobreviventes se enfraqueceu](#). Essa situação se reflete na Europa, onde em países como França, Itália e Espanha, o número de mulheres vítimas de violência que buscam e não encontram apoio aumentou. Em 28 de março, o Reino Unido relatou seu [primeiro femicídio de coronavírus](#) cometido por um homem contra sua esposa que estava em auto-isolamento com ele. Nesta situação, as mulheres migrantes vítimas de violência, em particular, não terão para onde recorrer, pois muitas delas continuam vivendo atrás de múltiplas barreiras à justiça, com medo de perder seu status legal. A menos que seja explícito que seus direitos não serão revogados quando denunciarem autores de violência, as mulheres migrantes continuarão com seus agressores, onde [o risco de serem assassinadas](#) pode ser maior do que o de morrer pelo vírus. Outras podem ser forçadas a entrar nas ruas onde serão criminalizadas, se tornarem vítimas de redes criminosas organizadas ou sofrerão desnutrição e infecção. E enquanto [alguns estados da Europa](#) estão tentando garantir que todos os seus residentes, independentemente de seu status, tenham acesso a cuidados de saúde, proteção e compensação, muitos outros não demonstraram tais intenções. Pelo contrário, alguns estão considerando cortar os migrantes do apoio à saúde usando o pretexto racista de que os [migrantes trouxeram o 'vírus estrangeiro' em primeiro lugar](#).

## **MULHERES CUIDADORAS E EM TAREFAS DOMÉSTICAS**

---

A maioria dos trabalhos de assistência, enfermagem, trabalho doméstico e limpeza - os setores subvalorizados e com poucos recursos, primeiro atingidos por

quaisquer medidas de austeridade - são realizados por mulheres. Essas mulheres agora são aplaudidas nas janelas, e com razão, pelos cidadãos trancados em seus apartamentos. Mas avaliações simbólicas por meio de palmas não mudarão a realidade material dessas mulheres. Como a Europa continua importando mão-de-obra barata, muitas delas são migrantes, tanto de fora quanto de dentro da UE.

Com e sem pandemia, essas mulheres são forçadas a trabalhar longas horas em condições precárias. Agora elas não ficarão em casa e cuidarão de si mesmas. Em vez disso, elas vão trabalhar e cuidar dos outros, pois são a espinha dorsal do sistema e, sem elas, o sistema desmorona.

Muito já foi dito pelas feministas sobre a crise de atendimento que essa epidemia expôs, mas essa crise é ainda mais profunda para as mulheres que não têm proteção legal nesses setores. No início da crise na Espanha, associações de trabalhadores domésticos e assistenciais denunciaram a situação das trabalhadoras domésticas residentes, cujos empregadores as proibiram de sair de casa. Ao contrário dos funcionários, elas não têm direito a seguro; [suas condições de trabalho estão isentas de inspeções trabalhistas; elas não recebem pensões](#). Nem essas mulheres podem mudar para "tele-trabalho". Logo depois, o governo da Espanha anunciou medidas econômicas para ajudar a população afetada pelo coronavírus. No entanto, não havia uma medida clara para as necessidades de mais de 630.000 trabalhadoras domésticas na Espanha, muitas das quais não estão documentadas ou trabalham na "economia cinzenta". Com muito poucas exceções, outros estados da Europa em seus pacotes de apoio também se calam sobre como ajudarão centenas de milhares de

trabalhadoras domésticas sem renda. Essas mulheres, juntamente com muitas outras com status sem documentação, agora enfrentam um risco extremo de serem empurradas para situações perigosas e exploradoras, incluindo exploração sexual e trabalho contínuo sob condições desprotegidas e abusivas.

## **MULHERES NA PROSTITUIÇÃO E PORNOGRAFIA**

---

Se ainda não entendemos a realidade da prostituição, agora é a hora. As mulheres nesse sistema correm um risco extremo de serem afetadas, tanto pelo próprio vírus quanto por todas as consequências de gênero de seu "manejo". Para o sistema de prostituição, implementar "distanciamento social" significa literalmente "o fim dos negócios", mas como fica na prática?

As mulheres na prostituição estão em contato com um grande número de homens, qualquer um deles pode ser portador do vírus, e muitos coagem as mulheres a atos sexuais desprotegidos. Um exemplo ilustrativo de como as mulheres no comércio sexual foram aconselhadas a se proteger foi uma nota publicada pela AMMAR, [o sindicato argentino de "trabalhadoras do sexo"](#), dizendo às mulheres para lavarem as mãos por mais de vinte segundos e rejeitar os homens que viajaram recentemente para o exterior ou apresentam sintomas. Se a prostituição fosse um 'serviço', seria oferecida uma proteção higiênica completa às mulheres, incluindo máscaras, roupões e luvas, e nenhum "cliente" seria permitido chegar mais perto do que um metro. As chamadas medidas de saúde aconselhadas pela indústria mascaram a realidade em que o maior risco não é a

falta de gel desinfetante, mas o próprio cliente, que tem o direito de se satisfazer sexualmente a todo custo. Isso perpetua a contínua violência masculina contra as mulheres, que são obrigadas a suportar tal violência. Tirar o direito das mulheres de dizer não está nas raízes dessa continuidade.

Por outro lado, os estados adotaram abordagens diferentes. Alemanha, Holanda e Suíça - os países com os maiores mercados regulamentados de prostituição da Europa - fecharam bordéis e algumas multas foram impostas por violarem essa regra. Comparado às ativistas feministas que argumentaram por décadas que a satisfação sexual não é uma necessidade humana vital, o Covid-19 alcançou isso em questão de dias. Até os estados mais reguladores são claros: os homens podem prescindir de uma indústria que satisfaça suas "necessidades".

No entanto, nada é tão simples agora no sistema globalizado de exploração sexual. Como é o caso de todos os mercados de prostituição na UE, composto principalmente por mulheres migrantes - de fora ou dentro da UE - que estão nele por força deliberada ou por falta de opções econômicas. A maioria delas são controladas por cafetões, remotamente ou à vista; a maioria esmagadora, mesmo nos estados que regularizam a prostituição, não são registradas como "funcionárias" e, como tal, não têm acesso a cuidados de saúde e seguros, assistência social ou benefícios sociais. Com o fechamento do comércio, essas mulheres têm tudo a perder, a menos que o estado forneça apoio imediato e de longo prazo para que não continuem fazendo as "escolhas" ainda mais perigosas do que aquelas que já estavam fazendo. Sem responsabilizar os cafetões e os compradores de sexo por

pressionar, coagir e explorar as mulheres na prostituição e, sem assistência material para as mulheres saírem dela, a proibição geral do comércio sexual prejudicará inevitavelmente aquelas que já são vítimas.

Para piorar a situação, como efeito colateral do fechamento das lojas físicas, houve um aumento no comércio de pornografia que aproveitou rapidamente a oportunidade de capitalizar a miséria das mulheres. O Pornhub - o maior depositário on-line de abuso sexual registrado de mulheres e que atualmente [enfrenta sérias acusações de tráfico](#) - lançou [ofertas "filantrópicas"](#) para homens - uma atualização gratuita para os serviços premium do Pornhub. Como muitas empresas mudaram para a Internet, no contexto da prostituição, isso significa que as mulheres que anteriormente lidavam com homens abusivos em bordéis reais agora estão lidando com eles nos virtuais. E como os compradores de sexo bloqueados em casa provavelmente não mudarão seus comportamentos - se houver, o impacto psicológico do isolamento corre o risco de piorá-lo - será necessário um suprimento duplo de mulheres para atender à demanda. Essas mulheres virão dos meios mais desfavorecidos - serão mães solteiras, desempregadas, estudantes sem renda, mulheres migrantes e refugiadas.

## **SAÚDE DAS MULHERES E REDESCOBERTA DO SEXO**

---

Já foi estabelecido que [o vírus Covid-19 mata mais homens do que mulheres](#), o que poderá ser atribuído ao nosso sistema imunológico, às hormonas femininas e a um estilo de vida mais saudável. A Organização Mundial da Saúde fala sobre

a [“vantagem biológica das mulheres”](#) e outros cientistas afirmam que [“as mulheres têm uma enorme vantagem imunológica sobre os homens”](#) devido ao duplo cromossoma X. Não existe, no entanto, uma explicação clara. Subjacente a essa incerteza está o fato de os nossos sistemas - não apenas o sistema médico, mas qualquer sistema - não desagregarem dados por sexo e não atenderem às necessidades de dois grupos distintos, mulheres e homens. Em vez disso, consideram os homens como padrão, como Caroline Criado Perez deixou claro no seu recente livro [“Invisible Women: Exposing Data Bias in a World Designed for Men”](#). Para piorar, nos dados já escassos sobre mulheres, o conceito de “género”, atualmente na moda, substitui o “sexo”, confundindo uma questão de identidade com uma característica humana imutável. Mas os nossos corpos sexuados não podem ser reduzidos a uma questão identitária, do foro pessoal - uma verdade inofensiva destacada pela corrente crise global. Sob a pressão do Covid-19, alguns médicos admitiram finalmente que a gestação de substituição - exploração reprodutiva à qual apenas as mulheres são submetidas - acarreta sérios danos para a saúde das [“barrigas de aluguer”, que são injetadas com drogas imunossupressoras](#), tornando-as incapazes de lidar com o vírus. Outros perceberam que o registo correto do sexo é mais importante que questões sentimentais relativas à “auto-determinação” do sexo. Afinal, o sexo não é uma construção atribuída aleatoriamente por médicos, mas é observado no nascimento e pode fazer a diferença entre a vida ou a morte.

A questão da saúde, no entanto, não é apenas sobre quem é mais vulnerável a formas graves do Covid-19. Apesar de o sexo feminino se mostrar mais resistente,

as mulheres enfrentarão um vasto leque de consequências: enfermeiras e faxineiras que colocam a sua saúde em risco sem proteção suficiente, mulheres vítimas de violência doméstica, mães cuja saúde mental será comprometida devido à distribuição desigual da responsabilidade pela escolaridade das crianças em casa. Além disso, em muitos estados da União Europeia, os serviços de interrupção voluntária de gravidez são considerados não-essenciais e as mulheres têm dificuldades em aceder a métodos de contraceção - isto contra a piada recorrente de que uma nova geração de “baby boomers” surgirá da adoção de medidas de isolamento social. Poderemos, efetivamente, assistir ao aumento dos nascimentos daqui a nove meses, mas serão estes o resultado das escolhas reprodutivas das mulheres ou da sua ausência?

Nos “países em desenvolvimento”, particularmente aqueles com escassez de alimentos ou acolhendo o maior número de refugiados do mundo, a questão da saúde das mulheres é ainda mais drástica: sob quarentena, com sectores da economia fechados e famílias incapazes de armazenar reservas de alimentos, urge perguntar: Qual o impacto na saúde das mulheres, e particularmente das meninas, dado que estas já registam índices de desnutrição generalizada? Como irão as comunidades reagir ao facto de o vírus ser mais letal para os homens, considerando a prevalência de abortos seletivos por sexo e as taxas de femicídio?

## **ESTÁ NO PRÓPRIO NOME: A PANDEMIA É GLOBAL**

---

A grave situação na Europa obriga-nos a refletir nas consequências da pandemia

nas favelas do Brasil, nas áreas Dalit na Índia ou nos bairros de lata no Quênia.

[Bill Gates, que participou numa Ted Talk em 2015](#) sobre a possibilidade de e preparação para uma pandemia, não aplicou esta lógica à sua ação filantrópica. Caso o tivesse feito, não teria gasto milhões [na distribuição de preservativos](#) nos bairros de lata dedicados à prostituição na Índia, onde meninas de oito anos, nascidas de mães prostitutas, são também exploradas sexualmente. Teria, em vez disso, investido na retirada das mulheres desses bairros e na criação de condições sociais para desencorajar os homens que os visitam. É aqui que o modelo capitalista patriarcal de “fazer o bem” nos trouxe: apesar de todos os recursos e tecnologia disponíveis, o mundo ocidental, com a sua obsessão pelo lucro, não conseguiu investir nas estruturas que nos permitiriam enfrentar ou impedir uma epidemia como esta.

A relação desigual entre o Norte Global e o Sul Global também parece mais forte do que nunca em relação à pandemia, que já está afetando as economias da África, América Latina e Ásia. Comparações com o vírus ébola abundam, mas é importante lembrar que esta epidemia foi percebida na Europa como algo distante, sem a capacidade de abalar o sistema social, económico e político global, e, portanto, o continente africano teve de lidar com ela por si só.

Vários países estão já pagando o preço da imposição de medidas preventivas para conter o Covid-19 no Sul Global, particularmente regimes autoritários que tiram partido da situação para lançar duras campanhas políticas, detendo e torturando dissidentes, enquanto o mundo está ocupado com a pandemia. Além disso, análises do impacto do

Covid-19 no Sul Global por meios de comunicação, *think tanks* e organizações da sociedade civil focam principalmente o impacto económico, sem mencionar os seus efeitos na vida de mulheres e meninas.

Isso significa que, em países onde a violência doméstica ainda não é tratada como tal, o seu crescimento sob quarentena ou isolamento passará despercebido. Além disso, as consequências da violência masculina discutida acima sobre a estabilidade política nos países em transição de conflitos e guerras serão sentidas, inevitavelmente, por mulheres e meninas. Nos países onde os direitos financeiros e de propriedade das mulheres são fracos e onde o rendimento das mulheres, incluindo viúvas, mães solteiras e estudantes, resulta da sua participação quotidiana na economia informal, milhões de mulheres serão empurradas da pobreza para a pobreza extrema. Não haverá medidas para assistir as mulheres empregadas no trabalho doméstico e reprodutivo, muitas das quais vivem já em condições de quase escravidão.

Como Simone De Beauvoir disse: “Nunca se esqueça que uma crise política, económica ou religiosa será suficiente para que os direitos das mulheres sejam colocados em questão. Esses direitos nunca são adquiridos. Você terá que permanecer vigilante durante toda a sua vida”. Assim, a consequência em larga escala da pandemia que devemos estar prontas para enfrentar não é apenas a crise económica. Devemos estar prontas para enfrentar a reversão dos direitos das mulheres - todas as mulheres, globalmente - para o período pré-[CEDAW](#).

A pandemia monopolizou a atenção global, arriscando condenar ao esquecimento os grandes problemas das mulheres. Femicídio, mutilação genital feminina, casamento forçado, violação são apenas alguns dos crimes que correm o risco de se afundar em silêncio, todos ampliados nos campos de refugiados e de deslocados internos espalhados pelo globo. Os direitos económicos das mulheres arriscam ser considerados secundários, enquanto mais e mais mulheres tentarão sair de áreas devastadas, sujeitando-se a cair nas mãos de traficantes e exploradores.

### **UMA JANELA DE OPORTUNIDADES: JUNTAS NO SONHO E NA LUTA!**

---

Alguns dizem que “voltaremos ao normal quando a crise acabar”, mas para muitas de nós - se não a maioria - não havia normal para começar. O normal não existia para a maioria das mulheres na Europa, apesar de a nova presidente da Comissão Europeia ser uma mulher. Não existia para a maioria dos migrantes e refugiados. Não existia para a maioria das mães, idosos, trabalhadores. Houve nunca um "normal" para as mulheres em prostituição.

Agora é a hora de admitir. Agora é a hora de perguntar como deve ser o "normal", a partir de uma perspetiva feminista global.

A magnitude desta crise deve servir de prova para aqueles que ainda questionavam se vivemos num mundo globalizado. Se o Covid-19 se pode espalhar globalmente, também o podem ideologias e movimentos, negativos e positivos, destrutivos e, também, transformadores.

A pandemia permite que aqueles que cometem violências quotidianas contra mulheres e meninas beneficiem da distração global, evitando exposição, pressão e responsabilização. Mas também nos permite ver claramente o que gera benefícios para poucos, em oposição a prosperidade para muitos, e assim reavaliar as nossas prioridades como sociedade. Para nós, ativistas feministas e aliados, permite-nos re-imaginar o mundo livre de violência masculina, objetificação sexual de mulheres e meninas, corrupção patriarcal nas instituições e exploração global. Um mundo em que não sejamos impedidas de exigir a libertação de mulheres ativistas na Arábia Saudita, de exigir dos governos que coloquem um fim ao sistema de prostituição, de exigir o cumprimento dos direitos laborais das prestadoras/as de cuidados e trabalhadoras/as domésticas/as.

Agora é a hora de nós, mulheres do mundo, mais unidas e mais ousadas, exigirmos que os direitos humanos das mulheres, a sua atualização sob uma perspetiva feminista, e o seu enquadramento internacional - como a [CEDAW](#) e [Declaração de Pequim](#), pelo qual as nossas antepassadas de todo o mundo lutaram tanto -, sejam colocados firmemente no centro da agenda política mundial, começando na nossa casa, a Europa.